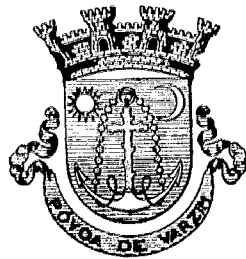


# PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL



VOL. III

1964

N.º 2

EDIÇÃO  
DA  
CÂMARA MUNICIPAL

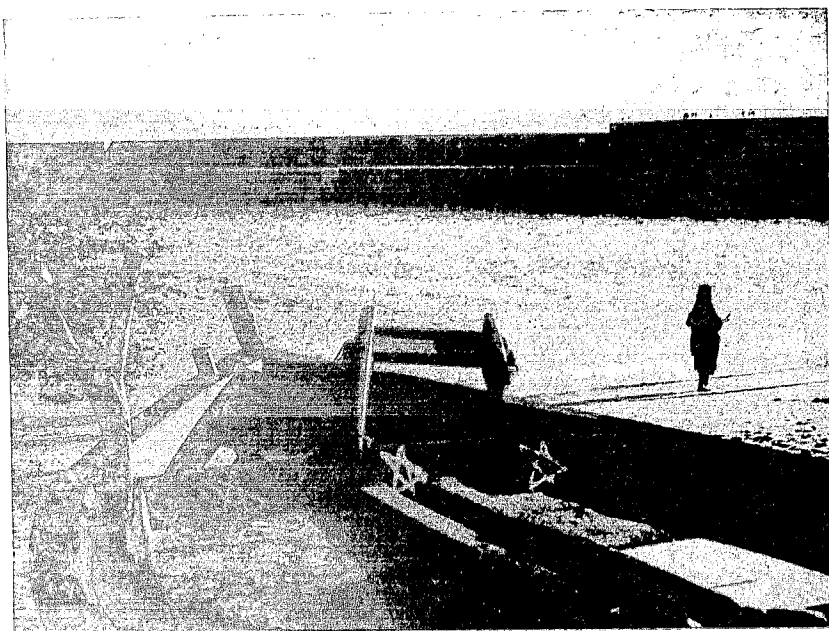


Fig 31 — Três Sanselimões no tabuladão da proa de uma catraia Póveira. Atenda-se, também aos seguintes pormenores do barco, em evidência na fotografia: a *forqueta* metida na respectiva *castanha*, que, à proa remata o *corredor*, encostando ao *tabuladão*; a *tosta*, bastante maior que os *bancos*, sobre a qual, ao centro, andam as *galiotas*; a *polé*, com a *pernada grande* amarrada ao *tabuladão* e a *contra-pernada* apoiada na borda; e, no seguimento da *tosta*, para a ré, um dos dois estrados móveis, os *paneiros*.

processo de aculturação. Mesmo que sobre este subsistisse alguma dúvida, nada resistiria à prova concludente, a que assisti nesse ano de 44: a de um laborioso artífice, copiando para os costados de um barco, nada menos que as «armas» estampadas numa lata de sardinhas de conserva...

A figuração mágica, dominada pelo *signo-saimão*, ou *sanse-*

*limão* <sup>(68 e 78)</sup>, prima pela ausência de chifres, em pinturas ou em espécie, ao contrário do que sucede com tanta frequência, de Matosinhos para o sul <sup>(79)</sup>; uma ou outra ferradura pregada no *tabuladão*, ainda se verá; mas a pintura dum *figa* <sup>(80)</sup>, só em Leixões a encontrei num caíco dos pequenos.

Suponho desnecessário alongar o comentário, tanto mais que, em continuação, chegou a vez de uma referência muito breve às *marcas*, assunto sobre o qual voltaremos, de novo, às seguras páginas do nosso homenageado:

«Estas siglas constituem imagens de objectos, animais, plantas, astros, etc./ São estas imagens os *brasões* de família./ Com elles se marcam as rêdes, os aprestos marítimos e todos os objectos caseiros. A «marca» é um registo de propriedade em qualquer objecto assinalado./ Estas «marcas» não foram, nem são, organizadas ao capricho de cada um, mas heranças de famílias, há longos anos do conhecimento da comunidade.../ A marca-brasão é usada pelo chefe da família. Aposta em qualquer objecto, é o seu nome, o seu registo. O filho mais velho risca ao lado dela um *pique*, isto é, um traço; o filho que se segue em nascimento, dois *piques*; o outro a seguir, três *piques*, e assim sucessivamente até ao

<sup>(78)</sup> *Signo-saimão*, segundo a recolha de *siglas* de Buarcos (A. Santos Graça, «Inscrições Tumulares por Siglas», já cit., págs. 32/34). Na Póvoa chamam-lhe *sanselimão*. Trata-se da estrela de cinco pontas e não do verdadeiro sinal salomónico: a estrela de seis pontas, resultante de dois triângulos equiláteros sobrepostos, desencontrados. Explicou-me um velho pescador que «os maus olhados das feiticeiras ficam presos aqui» — e apontava para o centro da estrela, pintado como *divisa* dum barco. Isso parece explicar a marcação dum ponto central nos *sanselimões*, fenómeno que me apareceu com a frequência de 6 casos em 16, sendo que um dos seis requintou com a marcação de pontos, não se limitando ao centro da figura, mas indo aos espaços entre as pernas da estrela, aí marcou, em cada um seu ponto. Em Averomar encontrei, na mesma altura, o sinal X com marcação de pontos entre as hastes (vi, pelo menos, dois exemplos).

Ao «Sanselimão — estrela de seis pontas que costumam desenhar no pulso para os livrar de «qualquer coisa ruim» — se refere a Dr. M. T. Lino Netto, (ob. cit., pág. 23); e Bertino Daciano, (ob. cit., pág. 34) dele e doutros símbolos fala, ao indicar genericamente tatuagens de marinheiros, assunto abordado, também por Rocha Madalil em «Barcos de Portugal», incl. na publ. do S. P. N., «A vida e a Arte do Povo Português» (pág. 59).

<sup>(79)</sup> A protecção garantida pelo uso de chifres, tanto se encontra nas *traineiras* de Leixões ou da Figueira da Foz, como nos *varinos* do Tejo, ou nas *lanchas* e *canoas* algarvias, já não falando em certas *bateiras*, cujo *bico* serve à maravilha para nele os enfiar (em Espinho apareceu-me um caso-limite, dum *bateira* assim ornamentada, tendo nos *paneis de proa* uma pintura da Senhora de Fátima, com cercadura de ramos de videira e cachos de uvas).

<sup>(80)</sup> A representação tinha cunho extremamente realista, a ponto de a mãe ser preta (os ourives ainda vendem correntemente figas de azeviche, portanto pretas, encastoadas a ouro, com argola para suspender ao pescoço).

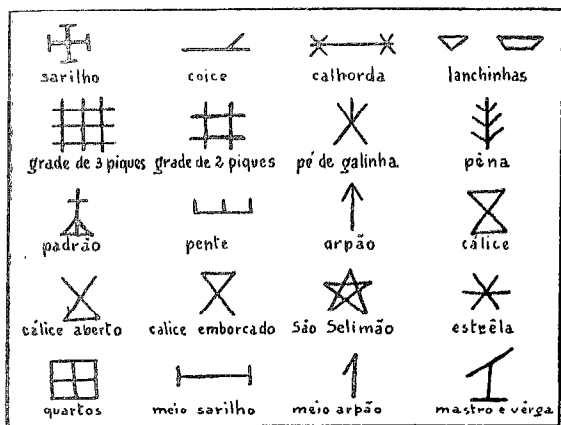


Fig. 32 — Interpretação das Siglas poveiras (grav. da pág. 16 de «Inscrições tumulares por siglares», de Santos Graça).

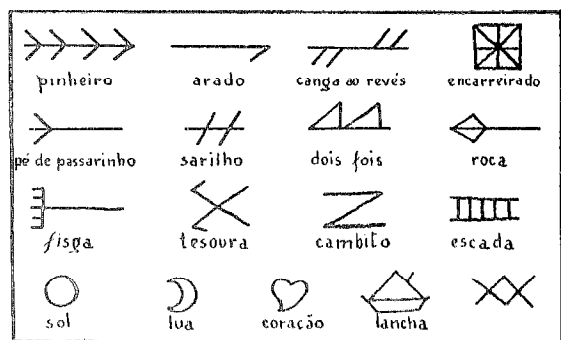


Fig. 33 — Interpretação das siglas de Buarcos (grav. da pág. 38 da mesma obra de Santos Graça).

mais novo, que ao contrário de algo, é o herdeiro da *marca-brasão*, usando-a sem piques...<sup>(57)</sup>/... Também se aplicam estas regras *picando* a «marca-brasão» da família... / ... Como a «marca-brasão» da família é conhecida da comunidade e esta sabe o nome dos filhos, fácil é saber a quem pertence a «marca»... / ... É esta a escrita do poveiro, o seu nome individual escrito por sigla./ Nas velhas tendas, onde imperava o analfabetismo, a «marca» indicava, na escrita a giz ou a lápis, o nome do devedor, seguida pelos riscos e rodela representativas das moedas em dívidas./ E esta escrita era tão familiar ao tendeiro como ao pescador, podendo ser por ambos conferida com a mesma facilidade

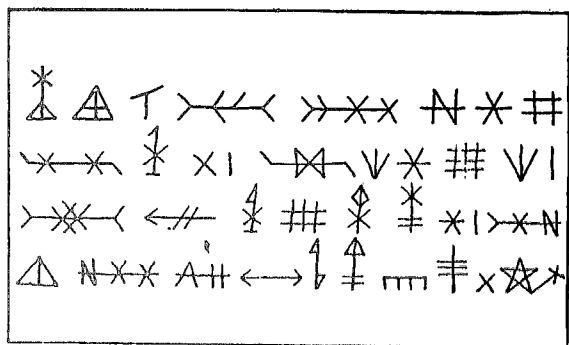
Pae	1º FILHO	2º FILHO	3º FILHO	4º FILHO	FILHO MAIS NOVO: HERDEIRO

REGRAS USADAS PELOS DESCENDENTES

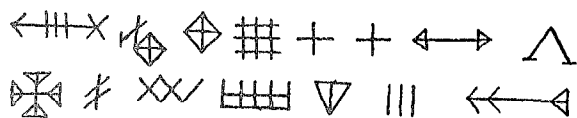
Fig. 34 — Gravura da pág. 26-A de «O Poveiro» de Santos Graça a que refere o texto da pág. 27 da mesma obra, posteriormente aproveitado em «Inscrições tumulares por siglas».

com que nós verificamos a escrita alfabética <sup>(81)</sup>. Mas onde a «marca-sigla» tomou bem tãda a característica de inscrição individual bem definida, foi nas lousas tumulares./ A simples gravação da «marca» publicava quem jazia na sepultura. Lia-se pela comunidade como se essa inscrição alfabeticamente nos anunciasse um nome .../... Estas siglas, como registo de propriedade, encontram-se por toda a parte: nos mastros, nas vêrgas, nos remos, nos lemes, nos paus de varar, nas poitas, nos ferros, nos martelos e em todos os aprestos que se estendem na praia do pescado...» <sup>(82)</sup>.

(Continua)



Figs. 35 e 36 — Respectivamente *siglas* de Viana do Castelo e de Caminha (reprod. ob. cit. de Santos Graça «Inscrições tumulares»).



<sup>(81)</sup> A páginas 42-43 da obra de que transcrevo a presente passagem, vem documentada a existência de igual costume na Galiza (aspecto que, como depois veremos, é do maior interesse).

<sup>(82)</sup> A. Santos Graça, «Inscrições Tumulares por Siglas», págs. 16 a 19 e 21. Ver, também, do mesmo Autor, «O Poveiro», págs. 23 a 33. Coutinho Lanhoso (ob. cit., págs. 334/5), dá-nos o resumo dessa matéria. E. Veiga de Oliveira e F. Galhano (ob. cit., págs. 85 a 90), estabelecem o panorama do que sobre o assunto (siglas poveiras) era conhecido, ou estava publicado até 1958, incluindo já a hipótese de origem estabelecida por Jaime Cortesão no artigo «A Póvoa e os Póvoiros», publicado em «O Primeiro de Janeiro» de 26 de Julho de 1956.

## TEXTOS E NOTAS